

# Para a História da Orientação Vocacional

---

## I. Rodrigo Sánches de Arévalo

Henri Chabassus, S.J.

O mundo de hoje nos apresenta tais novidades e em tão grande número, que não só nos extasiam e nos dificultam sua apreensão e assimilação, mas podem ainda levar-nos a minimizar o valor dos feitos e descobertas dos homens do passado. Se, porém, levados por senso de humildade equilibrada ou pela curiosidade da pesquisa em arquivos de escritos antigos, e até de alfarrábios dos primórdios da civilização, ficamos, por vezes, maravilhados sobre o quanto conseguiram os antigos com meios muito menos sofisticados e mais rudimentares do que os de que hoje dispomos. As pesquisas modernas têm jogado muita luz sobre as civilizações antigas. Aí estão a estudar a grandeza da antiguidade os monumentos colossais de civilizações desaparecidas e o que elas supõem de conhecimentos e técnica, quer nos assim chamados velhos continentes, quer no Novo Mundo, p. ex., as civilizações Maya, Azteca e Inca.

Um dos campos em que me interessou buscar raízes no passado foi o da Orientação Voacional ou Profissional. Começando tarde, já

não tenho tempo para ir longe na pesquisa, e considero que tenha que contentar-me com autores mais modernos, embora, vez que outra, por informações segundas, faça incursões no mundo antigo.

Um dos autores do declinar da Idade Média, e do alvorecer da renascença que escreveu de forma interessante sobre o assunto é Rodrigo Sánchez de Arévalo, bispo de Zamora e Calahorra, na Espanha, cuja obra "*Speculum Vitae Humanae*" foi publicada em Roma em 1468. Dessa edição há duas cópias na "Reserva" da "Bibliothèque Nationale" de Paris, incunábulo cuja beleza serviu para mim de empecilho em minha pesquisa, pois foi esse o pretexto apresentado pela pessoa encarregada da custódia dessa "Reserva", para não permitir que fosse tirada cópia alguma em microfilme ou microfichas, sendo-me permitida apenas a leitura da obra *in loco*. Passo sem mais comentários e desculpa apresentada, mas não me posso furtar à manifestação de estranheza, pois entendo que, em primeiro lugar, os monumentos da civilização antiga deveriam ser de fácil acesso aos estudiosos, embora com os devidos cuidados para evitar sua deterioração; em segundo lugar, parece-me ser do próprio interesse dos felizes detentores dessas obras, a execução de uma ou mais cópias em filme ou fichas como garantia contra a perda de tais preciosidade, tão expostas ao perigo de deterioração no mundo poluído em que vivemos, ou mesmo de desaparecimento pela ameaça de guerras destruidoras. Uma vez obtida a primeira cópia em filme ou ficha, o que em nada prejudicaria a beleza da obra, sua reprodução pelos métodos de que dispõe a técnica moderna, poria à disposição dos estudiosos, documentos de imenso valor, sem prejuízo para os possuidores desses tesouros e com enormes vantagens para o avanço das ciências.

Não tendo a possibilidade de ter e copiar *in loco* o precioso documento (que, seja dito de passagem, apresenta diferenças numa e noutra cópia), parti em busca de edições posteriores, mas seguras, e como elas foram muitas — 12 edições só no século XV —, não me custou muito conseguir na Biblioteca Nacional de Madrid, uma cópia autêntica da obra de Dom Rodrigo, editada em Hanover em 1613, que diz ao fim ser a reprodução exata da de 1507, sendo esta cópia fiel do original, como o atestam Johann Botzheim, Jacob Vuympheling e Sinforiano Pollio Sacerdote. É o que consta à página 230 da edição de Hanover. Esta edição traz, após os dois "livros" que constituem o escrito de Sánchez de Arévalo, uma série de poemas acrescentados à obra de Dom Rodrigo "por constituírem matéria semelhante" ao seu conteúdo, mas que na realidade nada tem a ver com o autor, nem, a meu ver, com o assunto. Eu diria que o estilo destes poemas é macabro, pois só celebra a morte e tem por nome:

"Espelho da dança dos mortos". Não traz o nome do autor nem do primeiro editor, dizendo apenas "ab eo editum", sem precisar contudo a quem se refere esse "eo". O escrito vem numerado da página 231 à 277.

Esta edição traz, à guisa de prefácio, uma carta-recomendação de Johann Botzhem a Paul Burger, com data de 6 de janeiro de 1507. Nessa carta faz ele o elogio de "Philippus de Duno et Lapide" que "foi bispo insigne de nossa Igreja de Colonia e de nós ambos amicíssimo". Lembra a Burger, que o bispo, tendo feito vir a si muitos livros, mostrou particular dileção pelo "Speculum Vitae Humanae", lendo-o e relendo-o "com muita frequência e afeto". Recomenda Botzhem a Burger que faça editar o livro, conforme ele mesmo (Burger) se propusera e começara outrora a executar. Assere que não lhe faltará a assistência de Jacob Wimpheling (1) que cuidará de que a edição saia elegante e sem erros.

Ao fim da carta consta que Paul Burger publicou o livro com este título: "SPECULUM VITAE HUMANAЕ, in quo discutiuntur commoda et incommoda, dulcia & amara, solatia & miseriae, prospera & adversa, laudes & pericula omnium Statuum", ou seja: ESPELHO DA VIDA HUMANA, no qual se trata das vantagens e desvantagens, das satisfações e amarguras, das consolações e misérias, das coisas favoráveis de desfavoráveis, das lisonjas e perigos de todos os Estados de Vida. A este já não pequeno título, séguem-se os nomes de vinte profissões.

Parece, entretanto, que os antigos não tinham a preocupação da manutenção do título atribuído às suas obras ou às alheias. É o que tenho verificado em mais de uma obra antiga, que aparece editada identicamente, mas sob mais de um título. Nas duas cópias originais da "Bibliothèque Nationale" de Paris, consta o título como "Speculum Vitae Humanae". É esse também o título da edição de Zaragoza (1481), embora com um aposto: "*El excelente libro intitulado Spejo de la Vida Humana*". Na edição de Hanover, que é a de que tenho cópia, constam dois títulos: um é o que consta na folha de rosto, não numerada, e que é o seguinte: "Speculum Omnium Statuum Totius Orbis Terrarum", isto é: Espelho de Todos os Estados de Vida de Todo o Orbe da Terra. Às folhas seguintes, 3, 5 e 6 (não numeradas), o título é corrigido de acordo com a edição original de Roma, o que também se vê à página 230, que é a página de fecho.

---

(1) Em outra passagem consta "Vuympheling"; Rui Nunes traz "Wimpfeling".

*O Autor do Livro –*

Seu nome consta na página de rosto do livro, assim como nas páginas 5 e 6 (não numeradas). É Rodrigo Sánchez de Arévalo, prelado e escritor espanhol nascido em Santa Maria de Nieva, Segovia (2), em 1404 e morto em Roma aos 10 de outubro de 1470 ou aos 4 de igual mês de 1480 (Espasa-Calpe). Após haver exercido vários cargos de importância em Espanha, foi enviado por Henrique IV, como embaixador a Roma, aí permanecendo até sua morte, não obstante haver sido, entretantes, nomeado sucessivamente bispo de Oviedo, Zamora, Calahorra e Palencia. Foi também Governador do Castelo de Santo Ângelo.

*Dedicatória ao Papa –*

Da página 6 à página 10 (não numeradas) há uma dedicatória da obra ao Papa Paulo II, na qual aduz sumariamente a ocasião e a razão para escrever o livro, assim como o seu conteúdo.

*A ocasião –* Foram os ócios que lhe deixava a guarda a ele confiada do Castelo de Santo Ângelo. Querendo aproveitá-los utilmente, quiz oferecer a Sua Santidade algo que lhe permitisse respirar em meio a seus tantos trabalhos (pg. 6 e 7 não numeradas).

*A razão –* Eis como ele a exara: “Vem-me amiúde à mente... quão variadas e diversas são as ocupações de todos os homens, suas artes, suas profissões, quão diferentes seus gêneros de vida, de tal forma que, para muitos homens, seja tão ansioso e incerto o seu modo de vida, tão incerta sua sorte neste mundo, que nem sequer possam escolher suficientemente o gênero de ocupação, o modo de vida mais seguro que poderiam alcançar. Com efeito, como o espírito humano parece apetecer, por impulso natural, não simplesmente o bem, mas o sumo bem (segundo Aristóteles), nada certamente parece ser mais necessário do que o critério de escolha, pois nessa escolha, algumas vezes, acontecem erros, sobretudo porque, conforme sentença do Filósofo, não há eleição a não ser de coisas conhecidas de antemão, pois ninguém escolhe o que não conhece. Para que alguém falhe em escolher bem, é necessário que não conheça suficientemente as coisas agradáveis e desagradáveis, as vantagens e desvantagens dos vários estados e gêneros de vida. Para que conheçamos, pois, que artes, que ocupações, que modos de tratar e de viver se há de escolher e seguir enquanto vagamos neste mundo, resolvi, segundo minha capacidade, dedicar à Tua Santidade e consagrar a teu nome, o que penso sobre esse assunto” (pgs. 7 e 8 não numeradas).

---

(2) Várias fontes dizem Santa Maria la Nueva

Para a Orientação Vocacional ou Profissional, ou mesmo para o mero exercício de uma profissão, interessa assinalar os fatores aqui apontados pelo autor. O que o texto acima contém de mais importante para o nosso assunto, é que essa Orientação ou esse exercício parece dever obedecer a um impulso natural e supõe uma escolha. Para essa escolha deve considerar o indivíduo, entre outras coisas, sua segurança pessoal. A escolha supõe ainda informação sobre os vários estados de vida que a qualquer um se antolham como possíveis.

*O conteúdo* — Aparece já no título da obra acima mencionado, embora de forma abreviada, pois na realidade a ele apõe o autor o nome de vinte estados de vida, desde o Imperador e o Papa, até os operários e os agricultores. Divide ele os gêneros de vida em dois principais, a saber, o dos que vivem mais ocupados com os bens temporais e o dos que vivem para os bens espirituais. Ao explicar o título, dá a razão porque o chama "espelho", dizendo: "Pois assim como num espelho material, cada qual vê o que há de belo e de deforme, não somente em si, mas também nos outros, e o que é recomendável como o que deve ser corrigido, assim neste opúsculo, como em espelho limpidíssimo, verá claramente as coisas agradáveis e as desagradáveis, as que seguem a reta razão e as que a contrariam em qualquer estado e ocupação da vida humana. Daí resultará que conheça claramente o que em si mesmo, em sua vida e em sua condição, assim como na dos outros mortais, deve ser louvado, seguido, repreendido ou corrigido" (pg. 8 não numerada).

Ao abordar a divisão em dois grandes gêneros, especifica em termos algo diferentes do que vem acima refletido, o que é espelhado em seu "espelho", dizendo que explicará em ambos, do "modo mais sucinto e diligente que possa, o que neles haja de proveito para a alma ou de honra temporal, de vantagens ou desvantagens, de fadiga ou de provações. Por fim, falará dos males, tormentos, penas, morte e danos corporais, assim como das outras aflições interiores e invisíveis do espírito que, desde a origem do mundo, padeceram, e padecem ainda, tanto os bons e inocentes, como os máus e pecadores, acrescentando brevemente as causas de um e outro lado" (pags. 8 e 9 não numeradas).

Como se vê, são várias as categorias consideradas aqui pelo autor e é difícil enucleá-las sob um só nome. Com efeito aí vêem-se contemplados o bem deleitável, o bem físico e o social, o bem moral em suas consequências, quer materiais, quer espirituais. Poder-se-ia dizer, tal-

vez, que o que ele considera constitúi, numa palavra, os interesses do indivíduo, isto é, as coisas ou os aspectos que nas ocupações ele deve considerar, a fim de fazer uma escolha adequada. Mais adiante, ao terminar suas considerações sobre a segunda parte do livro, isto é a em que trata do estado de vida espiritual — eclesiástico e regular ou monástico —, parece considerar o conjunto total das qualidades, quer do próprio indivíduo, quer da ocupação, para sua realização como pessoa. Diz ele: "falarei de seus princípios, natureza e origem, autoridade, instituição e diferença, de sua necessidade, utilidade, excelência e prerrogativas, de seus espinhos, fadigas e perigos, ... para que enfim aprenda o espírito humano que, ainda que em qualquer lugar haja fadiga e dor e em toda a parte se abra caminho para a virtude e o vício, a qual deles deva o homem entregar-se e acomodar-se, para que enfim considerando a doçura e a amargura de qualquer estado, escolha aquela norma de vida que mais convenha à fragilidade de sua natureza, e que lhe traga menos perigos e mais auxílios para viver bem e feliz" (pgs. 9 e 10 não numeradas).

O livro, embora venha de encontro ao nosso intento, pretendia ser na verdade antes um tratado de moral que um de orientação. Seu estilo é claro, livre, sem ambages, e o autor não poupa ninguém, nem mesmo os clérigos e a Cúria Romana, o que o tornou muito popular entre os protestantes (cfr. DHG).

#### *Gênese da obra —*

À dedicatória ao Papa, séguese um Prefácio útil, que ele dedica ainda a Paulo II, e no qual o que mais importa é a gênese do livro que aparece claramente ao rememorar o autor sua vida e seus estudos. Diz ele que, ainda menino, ficou órfão de pai. Amigos e parentes reunidos queriam que ele se entregasse a alguma ocupação profana, a fim de perpetuar o nome do pai, manter a honra da família e cuidar da mãe viúva, assim como dos irmãos e irmãs. A mãe, porém, por seu lado, preferia que ele se desse à vida espiritual. Da discussão entre ambas as partes contendentes, resultou a mãe vencida, mas não convencida, e ele foi enviado à Universidade de Salamanca para estudar ambos os direitos, canônicos e civil, recebendo porém a recomendação materna de não descuidar da vida do espírito. Em Salamanca passou dez anos. Lia sempre a Escritura e tinha gosto especial no estudo da filosofia, sobretudo da filosofia moral. Perfeitos os estudos e togado com as insígnias de doutor, surgiu nova e ardorosa contenda entre a mãe e os parentes sobre seu estado de vida. Maior, porém, era sua luta interna a respeito. Instava o tempo,

com efeito, pedia a idade, e exigia o interesse e a expectativa de consaguíneos e afins que ele, afinal, escolhesse um estado de vida. Os parentes queriam que ele escolhesse logo. Ele sentia em si a luta entre os "dois homens". A mãe não queria uma eleição sem mais preâmbulos e propôs que ele ouvisse a discussão que se estabeleceria entre ela, por um lado, e os consaguíneos e amigos por outro, disputando sobre todos os ofícios da vida humana sobre a terra. Aquiesceram os parentes à discussão e o mesmo fez ele. E foram passados em revista todos os estados de vida, primeiro os dos que se dedicam mais às coisas da terra, desde o Imperador, os reis e os príncipes, até os boiadeiros, os operários e os rústicos agricultores; depois os dos que visam a vida do espírito, desde o Papa e os cardeais até os últimos escalões da hierarquia clerical e religiosa. Dito isto, sente-se já o autor no ponto de começar a escrever o seu livro. E inicia-o pelo índice das matérias a tratar.

#### *O livro —*

No seu verbete sobre Sánchez de Arévalo diz Antonino Romeo na "Enciclopedia Cattolica", que neste livro, o autor "examina todos os estados sociais, criticando com imparcialidade os defeitos, mesmo dos clérigos e da Cúria".

Como foi dito no princípio deste escrito, não é intenção nossa retratar nele o livro todo, nem mesmo resumí-lo, mas respigar aqui, ali, além, o que ele traz de interessante para a escolha de uma profissão.

No índice do Livro I, diz o autor que aqui "trata dos estados e exercícos ou modos de vida temporais, desde o Imperador... até os boiadeiros e os que exercem as artes mais humildes. No qual (livro) são discutidas e examinadas as vantagens e desvantagens, as coisas agradáveis e desagradáveis, os aspectos favoráveis e trabalhosos, as consolações e as decepções, as facilidades e as dificuldades, as circunstâncias prósperas e adversas, as garantias e os riscos de cada um dos estados da vida temporal, ou modo de viver no mundo". Aí estão contemplados, como se vê, o bem útil, o bem delectável, o bem físico, o psicológico, o social e o moral. Na enumeração dessas circunstâncias todas da vida humana nos diversos ofícios a serem contemplados neste *primeiro livro*, parece que os aspectos abordados são os que se referem à realização pessoal do indivíduo e às dificuldades que a ela se opõem. Não são aí consideradas, pelo menos "in recto" as qualidades técnicas necessárias ao indivíduo, nem as exigências das profissões. Alguém poderia querer vê-las implicitamente inseridas, por exemplo, nas "facilidades e dificuldades" a que se

refere o autor, e mais ainda na "escolha (pelo homem) daquela norma de vida que mais convenha à fragilidade de sua natureza..." (pag. 10 não numerada). É claro que essa fragilidade implica qualidades, mas a que qualidades se refere ele: técnicas, psicológicas, morais? Seria impossível decidí-lo, e sem valor o argumento fundamentado sobre esta decisão. Há outros momentos explícitos no livro de Arévalo a respeito das qualidades necessárias ao bom êxito no exercício de uma profissão, não havendo razão para nenhuma ginástica hermenêutica a fim de atribuir ao autor uma idéia preconcebida, que, provavelmente, ele *aqui* não teve.

Só agora, isto é, ao iniciar os capítulos do livro, é que começa a numeração das páginas.

O livro é antigo, mas não antiquado, e sob vários aspectos. É verdade que sua atualidade não consiste tanto no valor técnico sobre normas, critérios ou estratégias para a escolha de uma profissão, como no quadro realista que apresenta das atitudes dos homens no exercício de suas funções. Mudaram as pessoas, os títulos e as circunstâncias através dos tempos, mas as situações e as atitudes permaneceram as mesmas porque a natureza humana é uma só, não muda: o homem é sempre homem, com tendências boas e más, dependendo dele mesmo, da educação que recebe e das circunstâncias em que vive, a atitude que ele *escolhe* ou pelo menos abraça perante a vida. Aos reinos, principados, ducados, etc., sucederam as repúblicas e a estas, por vezes, as assim chamadas "democracias populares", mas a situação e as atitudes de governados e governantes é sempre a mesma. O autor traz o que há de bom e de ruim, de favorável e de desfavorável, de louvável e de vituperável, ... no rei, no príncipe, no nobre, no palaciano, ... no boiadeiro, no agricultor.

Não é possível, nem tem utilidade para o fim em vista neste escrito, abordar todas as profissões e os comentários que o autor faz a respeito, pois seria necessário transcrever o livro todo. Entretanto não faria trabalho inútil quem, com outro fim que o aqui proposto, traduzisse o livro, antes prestaria bom serviço à comunidade moderna.

Até o capítulo XXII do Livro I, praticamente nada há no livro de Sánchez de Arévalo que interesse ao nosso assunto. Já o capítulo XXIII (pág. 64 e ss.) traz não pouca água para o nosso moinho. Nele trata o autor das artes mecânicas, que para ele são sete, entre as quais põe curiosamente — para nós, pelo menos — a medicina e a arte cênica. O que de interessante há para nós nesse capítulo é o que

segue: "Ademais, cada qual nasceu *apto* para uma coisa, diferente da para que nasceram os outros, e aqueles que, talvez, por sua *natural inclinação*, são *chamados* para coisas pequenas, se tentam grandes coisas, malogram necessariamente. Deve pois cada qual considerar em si próprio, para que a *natureza* mais o *inclina*. Daí dizer Ambrósio: 'Cada qual conhece seu talento; portanto aplique-se àquilo que lhe parece mais *adequado* para si'. E Cícero: 'Toda deliberação deve cingir-se à *natureza* própria de cada um'. Por fim, Sêneca: 'A mente forçada, reage mal, corresponde mal. A virtude é fatigosa quando a *natureza* reluta' " (pags. 67-68). Dom Rodrigo menciona claramente aqui a *aptidão* da natureza, assim como a *inclinação natural*, que vem explicitamente expressa, como necessárias para o bom êxito numa profissão. Não se trata, pois, da inclinação provinda da educação, da influência familiar ou de propaganda, mas de uma inclinação da natureza. Ora aptidão para alguma profissão significa, sem sombra de dúvida, posse das qualidades necessárias para o seu desempenho. Ora bem, não é nisto precisamente que consiste a teoria de "traço e fator" de Parsons (1909)?: casamento de qualidades do indivíduo com as exigências para o bom desempenho de uma profissão? A inclinação da natureza que o autor aduz, age na mesma linha, facilitando o gosto ou o interesse pelo exercício da profissão e, portanto, o êxito. Os exemplos de Ambrósio, Cícero e Sêneca parecem apenas reforçar a suposição aqui levantada.

No Livro II em que trata "Do Estado e da Vida Espiritual Eclesiástica e Regular", nada há para o nosso assunto, a não ser o capítulo XXVIII, em que o autor trata "Da *inclinação* e *disposição natural*, e da diversidade de temperamentos e *habilidades* dos homens quanto à religião, e da *decisão* no que a isto se refere".

Parece-me interessante transcrever boa parte do texto, para que se veja bem em que sentido ele usa *inclinação* no seu livro. Diz ele: "Além do que foi dito (acima) alguns recomendam cautela e atenção aos que querem entrar em religião, a fim de que considerem suas *disposições naturais* e seu *temperamento* e meçam suas *forças*. E ainda alguns ministram-lhes conselhos acerca desse assunto. Dizem, com efeito, que conforme sentença dos sábios antigos, cada qual tem *inclinação* ou *disposição* para um determinado gênero de vida, diferente do dos outros. E a diversidade e diferença ou disparidade (do gênero) de vida entre um e outro, procede de tríplice raiz, como diz o Filósofo no livro da "Política":

"1ª — *Da diversa qualidade da natureza*: Vemos alguns que pela diversidade do temperamento e do lugar em que vivem, são levados a diferentes gêneros de vida; alguns, com efeito, vemos inclinarem-se a fazer boa política na administração pública, outros às artes militares, outros ao sacrifício e ao culto divino. E não só quanto a estas atividades (há diversidade), mas as (próprias) paixões do espírito desenvolvem-se diferentemente, pois alguns são inclinados à moderação, outros à ira, outros à tristeza. Portanto a diversidade da constituição somática e as características da região, inclinam a coisas totalmente diversas, mesmo quanto aos costumes... De tudo isto se vê que os homens se tornam aptos ou se dispõem para este ou aquele gênero de vida, conforme sua compleição é mais bem ou mais mal disposta. E ainda que as almas, de si mesmas, sejam igualmente perfeitas (e portanto, digo eu, tenham possibilidades para vários gêneros de vida, i.é, sejam polivalentes), contudo cada qual *escolha* um gênero de vida acomodado a si mesmo e neste gênero *mais facilmente desempenha bem*, se tem os órgãos corporais mais bem dispostos e harmonizados, que o *dispõem* a este ou àquele gênero de vida, pela própria *inclinação natural e não por outras circunstâncias concretas*".

"2ª — A diversidade do modo de vida depende muitas vezes do *hábito*, que é uma imitação da natureza, e este leva uns a um determinado gênero de vida e outros a outros."

"3ª — Esta diferença no gênero de vida depende algumas vezes de *influência espiritual de Deus*, que, quando e como quer, induz alguns a determinado gênero de vida e outros a outros, sem entretanto violar o livre arbítrio de cada um, conforme apraz à sua inescrutável providência..."

"Se se regulam de acordo com o primeiro modo (de escolha), considere cada um *sua própria compleição* (como vimos acima), *sua natureza, sua inclinação e disposição* interna e pessoal, considere, enfim, *suas forças corporais*, e julgue-se a si mesmo e por si mesmo e normalmente creia mais em si do que nos outros... Entretanto, como o ingresso em religião é (questão) de conselho (evangélico, e não de mandamento divino)..., cada um estude-se a si mesmo, meça suas forças, considere sua fragilidade, sua compleição, sua natureza e seus hábitos, e se se julga capaz, siga esse caminho."

Embora o capítulo todo trate da escolha para a vida religiosa, o princípio que ele põe é geral, e se o admite para ela, deve admití-lo para

qualquer estado ou profissão, e esse princípio diz que há inclinações e qualidades que dispõem melhor para determinados gêneros de vida ou profissões. De resto, ele traz isto como princípio admitido pelos antigos sábios (pág. 219, § 1º, 1.5).

A menção da aptidão e da inclinação por Sánchez de Arévalo, como fatores de êxito no exercício de uma profissão, parece contradizer Léon Walther quando, em seu livro "A Orientação Profissional e as Carreiras Liberais", afirma que "a Huarte (1575) pertence a honra de ter sido o primeiro... a ter pôsto em relevo a importância da aptidão psíquica como fator determinante na escolha de uma profissão", e que "não corresponde menor mérito a Jourdain Guibelet (1631), por haver apontado um outro fator decisivo para o êxito em uma profissão liberal: a inclinação, a tendência, ou afeição por uma profissão" (pág. 22).

Não pretendemos tirar a Huarte nem a Guibelet os seus méritos, pois ambos são originais em suas posições. Walther parece cingir-se, em sua afirmação, a autores que trataram especificamente de orientação para uma profissão, pois pouco antes concede a Platão a mais remota observação sobre a preocupação de preencher os empregos importantes por indivíduos aptos (pág. 21). Mesmo assim, parece-nos que exorbita o seu quanto da realidade, pois Dom Rodrigo aborda neste livro o problema das profissões e nele dedica dois capítulos inteiros à consideração da aptidão e da inclinação natural, como fatores decisivos para o bom êxito do exercício profissional. É claro que Sánchez de Arévalo não dispunha, para afirmar o que afirma, dos meios de pesquisa de que dispõe a ciência hoje, mas seria preciso provar que Huarte e Guibelet dispunham de meios mais avançados que os dele. A menos prova em contrário, baseavam-se os três na observação e na introspecção e não se vê porque essas técnicas teriam valores diferentes ao serem usadas por qualquer dos três. Nenhum deles era especialista em orientação vocacional e tanto a observação quanto a introspecção são tão velhas quanto o homem.

Não vamos tecer mais comentários sobre o que diz Walther a respeito da aptidão e de Huarte no texto que acima fica. Os textos de Dom Rodrigo são suficientemente claros. Walther pode ter razão em afirmar, naquele mesmo texto, que "a Huarte pertence a honra de ter sido o primeiro a *tentar determinar* as aptidões que intervêm no exercício das diferentes atividades científicas e das carreiras liberais" (pág. 22). Deste assunto trataremos ao abordar o estudo da obra de Juan Huarte de San Juan.

Quanto à posição de Walther com relação a Guibelet, queremos fazer ainda algumas observações. A leitura de Guibelet na passagem a que se refere Walther, parece, à primeira vista, permitir a conciliação de sua sentença com a posição por nós tomada com relação a Sánchez de Arévalo. A *inclinação da natureza*, neste último autor, parece referir-se ao temperamento do indivíduo, dizer respeito à sua constituição física, embora os exemplos aduzidos, sobretudo o de Ambrósio (“aplique-se”) e o de Cícero (“deliberação”, que no caso, refere-se à escolha), digam também respeito à vontade. Em Guibelet, no trecho citado por Walther, a “afeição” parece ter menos o sentido de gosto, inclinação da natureza, que o de *determinação da vontade*. É o que parece claro a princípio no contexto em que esse autor usa a palavra. Diz ele, no seu livro “Examen de l’Examen des Esprits”, à página 16: “É uma grande vantagem ter as boas graças da natureza, mas o desejo de aprender é de tal modo necessário, que me parece poder dizer com uma douda personagem, que, no que concerne à ciência, não se deve atribuir a diferença dos homens tanto à variedade dos espíritos como à diversidade das *vontades*. Todo homem é capaz de saber as ciências, contanto que a elas se aplique com *afeição*”.

O título do capítulo referente ao texto em pauta, capítulo que é o 2º do livro, reza assim:

“SE HÁ HOMENS DE TODO INCAPAZES DE CIÊNCIA E DE DISCIPLINA – QUE O ESTUDO E A AFEIÇÃO SUPREM O DEFEITO DA NATUREZA”

Tal título poderia parecer confirmar o sentido de *determinação da vontade* ao que Guibelet chama “afeição”. Entretanto, a sequência do texto acima exarado parece infirmar esta aceção, sugerindo pelo menos dúvida sobre a *exclusividade* da atribuição desse sentido à palavra mencionada. Com efeito, continua ele: “É ela (a afeição) que nos torna fáceis toda espécie de empresas, que tira o pesadume do estudo e que nos torna *as vigílias mais agradáveis que o repouso*. Os homens de letras, por seu meio, após os cuidados que tomam no governo de suas famílias, ou dos negócios públicos, buscam a tranquilidade do espírito em seus estudos, neles encontram quietação, e só neles pensam estar a coberto das tempestades do mundo”. A interpretação pode ser discutível e creio que não se possa afirmar apodícticamente ser ela uma só, mas salvo melhor juízo, parece-me que “o que tira o pesadume do estudo”, “torna as vigílias mais agradáveis que o repouso” e “traz tranquilidade do espírito”, diz respeito antes a uma disposição da natureza que a um esforço da vontade. De resto, Walther parece pensar o mesmo com respeito a

Guibelet, pois embora anteponha a vontade, supõe também a inclinação da natureza para o êxito numa atividade, quando diz: "É essa vontade de ter êxito, *se se tem afeição ou inclinação* por uma atividade, que determina o êxito na atividade" (id. ib.). Concluo, pois, que pelo menos não se pode afirmar categoricamente ter sido Jourdain Guibelet o primeiro a apontar "a inclinação, tendência, ou afeição por uma profissão", como um dos fatores decisivos para o êxito no exercício de uma profissão. Sánchez de Arévalo precedeu-o de mais de século e meio.

De resto, não é Dom Rodrigo o único autor que precedeu Guibelet nessa menção. Esse conhecimento não parece estranho a Juan Luís Vives (1492-1540), em seu livro "De Tradendis Disciplinis" (Livro II, cap. IV), e não o é certamente a Antônio Persio, contemporâneo de Huarte, que, no Livro II, cap. XXVIII do seu "Trattato dell' Ingegno dell' Huomo", trata explicitamente do assunto. Persio observa a necessidade da inclinação para o êxito numa profissão e diz que isso é *princípio admitido pelos antigos sábios*.

Concluindo, podemos dizer, em resumo, que Sánchez de Arévalo considera os seguintes elementos no exercício de uma profissão:

1. Os interesses do indivíduo. Não traz expressamente a palavra, mas traz a coisa: o que faz o indivíduo feliz, as vantagens e as desvantagens, as coisas agradáveis e as desagradáveis, etc. (Cfr. Título do livro, cabeçalho do Índice, e passim).
2. A escolha (v.g. pág. 7 não numerada e passim).
3. A informação (v.g. pág. 8 não numerada e passim).
4. A aptidão, i.é, as qualidades necessárias para o exercício da profissão (sobretudo no cap. XXIII no Livro I).
5. A inclinação (cap. XXIII do Livro I e cap. XXVIII do Livro II). Assim sendo, pode-se dizer que Dom Rodrigo:
  - 1º Adiantou-se a Huarte no que tange às aptidões para o êxito no exercício de uma profissão.
  - 2º Adiantou-se a Guibelet no que concerne à inclinação.

Quanto às contribuições de Huarte e de Guibelet, vê-las-emos em estudos posteriores.

## BIBLIOGRAFIA

1. Dictionnaire d'Histoire et de Géographie Ecclesiastiques (DHG) — Mgr. Alfredo Baudrillart et al. — Paris, Librairie Letouzey et Ané, 1912 ss., A. Lambert, verbete Arévalo (Rodrigues ou Ruy Sánchez), Vol. III, col. 1657-1661.
2. Dictionnaire de Théologie Catholique (DTC) — A. Vacant, E. Mangenot, E. Amann — Paris, Librairie Letouzey et Ané, 1950 ss., 15 tomos. J. Rivière, verbete "Sánchez de Arévalo, Rodrigue" (sic), Vol. XIV col. 1085-1087.
3. Enciclopedia Cattolica — Città del Vaticano, Ente per l'Enciclopedia Cattolica e per il Libro Cattolico, 1948-1954, 12 volumes. Antonino Romeo, verbete "Arévalo, Rodrigo de", Vol. I, col. 1860.
4. Enciclopedia de la Religión Católica — Barcelona, Dalmau y Jover, S.A., 1950, verbete "Arévalo (Rodrigo Sánchez de)", Vol. 1, col. 907.
5. Enciclopedia Universal Ilustrada — Europeo-Americana — Madrid, Espasa-Calpe, S.A., 1908 ss., 70 vols., verbete "Sánchez de Arévalo (Rodrigo)", vol. LIII, pág. 1216.
6. Encyclopédie Catholique, sous la Direction et Révision de M. L'Abbé Glaire et de M. Le V<sup>te</sup> Walsh — Paris, parent Desbarres, Éditeur, 1854, 18 vols. mais 3 suplementares, verbete "Sancio ou plutôt Sancho (Rodrigue)" (sic), Vol. XVII, pág. 115.
7. H. Hunter, S.J. — Nomenclator Litterarius Recentioris Theologiae Catholicae — Oeniponte (Innsbruck), Libreria Academica Wagneriana, 1899, 6 vols., verbete "Rodericus Sancii de Arevalo", vol. IV, col. 784-785.
8. Kirschenlexikon oder Enzyklopädie der katholischen Theologie und ihrer Hülfswissenschaften — Begonnen von Joseph Cardinal Hergenrother, fortgesetzt von Dr. Franz Kaulen — Freiburg im Breisgau, Herder'sche Verlagshandlung, zweite Auflage, 1882-1901, 12 vols., mais um de índices, F. Stanonik, verbete "Arévalo, Rodriguez (sic) Sánchez", vol. I, col. 1272.
9. Lexikon für Theologie und Kirche, begründet von Dr. Michael Buchberger — Freiburg im Breisgau, Verlag Herder Freiburg, Zweite Auflage, 1964, 10 vols., J. Blázquez Hernández, verbete "Sánchez de Arévalo, Rodrigo", vol. IX, col. 307-308.
10. New Catholic Encyclopedia — New York, McGraw-Hill Book Company, 1967, 15 vols., R. H. Trame, verbete "Arévalo, Rodrigo Sánchez de", vol. I, pág. 778-779.

11. Huarte de San Juan, J. — Examen de Ingenios para las Ciencias — Madrid, Editora Nacional, 1976, 456 págs.
12. Guibelet, Jourdain, Docteur em Médecine, & Médecin du Roy à Evreux — Examen de l'Examen des Esprits — A Paris, chez Michel Soly, MDCXXXI, XXIII + 813 (texto) + 48 (índice, págs. não numeradas) + 2 (Privilège du Roy, não numeradas) págs.
13. Nunes, Ruy Afonso da Costa — História da Educação no Renascimento — São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda. (E.P.U.), 1980, 232 págs.
14. Persio, Antonio — Trattato dell'Ingegno dell'Humo — Vinetia (Veneza), Appresso Aldo Manutio, MDLXXVI, IX + 129 (texto) + 1 (nota) + 1 (errata) + 12 (índice) págs.
15. Sánchez de Arévalo, Rodrigo — Speculum Vitae Humanae — Hanoviae (Hanover) apud Heredes Joan. Aubril, Anno 1613 (aparece sob dois títulos, a saber: Speculum Omnium Statuum Totius Orbis Terrarum, auctore Roderico Episcopo Zamorensi et Calaguritano in Hispania, Romanaeq. Ecclesiae Castellano & Referendario; ou: Roderici Episcopi Zamorensis, Castellani & Referendarii Papae Pauli II — Speculum Vitae Humanae), XXIII + 230 págs.
16. Vives, Juan Luís — De Tradendis Disciplinis, na tradução de José Ontañón, Tratado de la Enseñanza, Ediciones de la Lectura, s.d.n.l., XLY + 268 págs.
17. Parrsons, Frank — Choosing a Vocation, New York, Agathon Press, 1967. Reprint of original 1909 edition.

## NOTA

Das obras todas de Dom Rodrigo, muitas ficaram só em manuscritos. Estes são encontráveis parte na Biblioteca Vaticana, parte em Pádua, parte na Inglaterra (Oxford) e parte na Biblioteca Nacional de Madrid. Alguns desses manuscritos foram publicados recentemente. Em vida do autor só foram publicados duas de suas obras, e uma terceira pouco após sua morte; são elas: "Speculum Vitae Humanae", Roma, 1468; "Historia Hispanica", Roma, 1468; e "De Monarchia Orbis", Roma, 1521.

A respeito da obra comentada neste artigo, é interessante anotar o que aduzem alguns autores sobre seu conteúdo e sua repercussão em seu tempo. Eis algumas apreciações;

"La fama di A. è legata allo "Speculum Vitae Humanae", in cui A. examina tutti gli stati sociali, criticando con imparzialità i difetti (anche dei chierici e dela Curia) e additando il sentiero della virtù. Diffusissimo al suo tempo, fu tradotto in tedesco (1475), in francese (1477), in spagnuolo (1491)" (Enciclopedia Cattolica).

"C'est un des premiers monuments de l'art typographique" (Encyclopédie Catholique).

"... saepissime editum et in varias linguas versum" (Hurter).

"Uno de los primeros libros impresos y que sólo en aquel siglo (XV) tuvo otras 12 ediciones" (Espasa-Calpe).

"... fundamentalmente trata de la luz y de la sombra en los distintos estados de la vida" (Enciclopedia de la Religión Católica).

"Dans cet ouvrage... où sont passées en revue les professions les plus variées, l'auteur ne ménage ni les clerics, ni la cour romaine, ce qui l'a rendu très populaire chez les protestants" (DHG)

"Son ouvrage le plus connu... est le "Speculum Vitae Humanae ... qui fut l'objet, par la suite, de maintes rééditions et traductions. L'auteur y trace le tableau et les devoirs des groupes divers qui constituent la société, avec force (sic) critiques à l'adresse des abus e en general et de la cour romaine en particulier. Ce qui lui a valu d'être réédité para Goldast, Hanover, 1603..." (Vacant)